

Urgência subjetiva e a dualidade temporal da passagem ao ato

Subjective urgency and the temporal duality of the passage to the act

Marcos Vinicius Brunhari¹

Resumo: A angústia como aquilo que se diferencia da cadeia significante substancializa o objeto a como um irreduzível que opera de maneira central nas modulações do ato. A antecedência lógica da angústia em relação à passagem ao ato é fundamental para a identificação absoluta do sujeito ao objeto a no momento do ato. Esta identificação absoluta delimita o primeiro tempo da passagem ao ato em que o sujeito é suprimido em uma ruptura radical com o Outro. Além deste primeiro momento de triunfo do objeto em que a pressa operacionaliza um rechaço do inconsciente, um segundo momento emerge através de uma presença renovada do sujeito. Com o objetivo de questionar esta delimitação temporal recorreremos ao ensino de Lacan, nos anos de 1962-63 e 1967-68, apostando em um além da radicalidade do rechaço que define o primeiro momento da passagem ao ato.

Palavras-chave: Passagem ao ato, Urgência subjetiva, Lacan, Psicanálise

Abstract: Anguish as that which differs from the signifying chain substantializes the object “a” as an irreducible which operates centrally in the act’s modulations. The anguish logical antecedence in relation to the passage to the act is fundamental for the absolute subject’s identification the object “a” at the moment of the act. This absolute identification delimits the first time of the passage to the act in which the subject is suppressed in a radical rupture with the Other. Besides this first moment of the object’s triumph in which hurry operates a rejection of the unconscious, a second moment emerges through a renewed presence of the subject. In order to question this temporal delimitation we call upon Lacan precept in the years 1962-63 and 1967-68, waging on a beyond the radicalism of the rejection that defines the first moment of the passage to the act.

Keywords: Passage to the act, subjective urgency, Lacan, Psychoanalysis.

¹ Psicanalista. Doutor em Psicologia (IP-USP). Mestre em Psicologia (UFPR). Professor universitário.
E-mail: mvbrunhari@gmail.com

Introdução

A partir do caso Katharina procuremos, neste artigo, diferenciar dois fatores distintos em que se localizam uma determinada urgência e um direcionamento ao analista. O primeiro fator compreende uma profusão caracterizada pela angústia e se alinha ao que se é definido como urgência subjetiva. Já o segundo fator, refere-se à aposta freudiana na palavra e tem funcionalidade central no caso bem como implicações históricas ao alinhar palavra e inconsciente. Este caso é emblemático para o que procuramos especificar como um momento de urgência subjetiva em que a angústia emerge de maneira central.

A centralidade da angústia permite pensar a urgência subjetiva como moduladora de atos. Especificamente quanto à passagem ao ato, marcamos a antecedência lógica da angústia e a transferência da certeza que acontece em meio à passagem que culmina em um triunfo do objeto a. Este triunfo equivale a uma identificação absoluta com o objeto a a qual suprime o sujeito e rompe radicalmente com o Outro. Este primeiro momento da passagem ao ato se modula como urgência na medida em que se deflagra por meio da pressa.

O fator principal que aqui será examinado encontra nos anos de 1962-63 do ensino de Lacan uma tônica: trata-se do objeto a e de sua função no instante da passagem ao ato. A presença fulgurante do objeto a é salientada por Lacan (1962-63/2005) a partir da angústia enquanto fora da rede significante em que o objeto a se substancializa como aquilo que não engana. Ao delimitar que a angústia não engana, ao contrário do significante, entende-se que a angústia corresponde à certeza. A referência ao que da angústia não engana, ao que escapa à rede, revela a certeza da angústia e indica a passagem ao ato como escansão no campo do significante.

Temos que o objeto a triunfa no exato momento da passagem ao ato e, assim, estão excluídos deste momento peculiar tanto o sujeito e quanto o Outro. Contudo, no ensino de 1967-68, Lacan propõe um correlato significante que jamais falta à estrutura do ato. Esta proposta, que pode parecer contraditória em um primeiro momento, delimita uma temporalidade da passagem ao ato desde a qual se diferencia o momento do ato e o seu a posteriori. Propomos que o valor atribuído

ao ato no depois não é desvinculado do que enfatizamos como o momento do triunfo do objeto a, pois é deste que se erige um corte que diferencia dois tempos. Ao diferenciar os dois tempos da passagem ao ato apostamos em um além da radicalidade do rechaço do inconsciente e da suspensão que se configuram no momento do triunfo do objeto a visto que, no depois, é possível um reencontro do sujeito com sua presença renovada.

Este artigo tem como objetivo sustentar um questionamento referente à distinção entre dois momentos da passagem ao ato: o triunfo do objeto a e sua face falha no a posteriori. Para esta empreitada, recorreremos ao “Seminário 10 – a angústia” (1962-63/2005) e ao “Seminário 15 - o ato psicanalítico” (1967-68, inédito) com o objetivo de arrolar elementos que contribuam para este questionamento.

O caso Katharina e a urgência subjetiva

O caso nomeado por Freud como Katharina está incluído em seu “Estudos sobre a histeria” (1893-195/1996), assinado junto a Breuer, ao lado de casos emblemáticos desde os quais se originaram as primeiras asserções psicanalíticas sobre a histeria e, sobretudo, a respeito do inconsciente. O caso Katharina é bastante significativo pois traz em seu bojo o eixo da concepção freudiana de inconsciente na base da formação sintomática de caráter conversivo na histeria. Entretanto, é um caso que se diferencia dos demais por algumas peculiaridades como, por exemplo, a curta duração e a inviabilidade da hipnose. Estes são pontos fundamentais deste artigo, embora precisemos também nos ocupar da relevância daquilo que emerge a partir do abandono da hipnose, nos próximos parágrafos nos deteremos sobre a questão da urgência que leva a paciente até Freud e que faz com que o caso tenha uma significativa adaptação em sua temporalidade.

Esta última peculiaridade sobre a temporalidade diz respeito ao fato de que Katharina, uma jovem de aproximadamente dezoito anos de idade, procura por Freud durante um passeio de férias que este realiza na região dos Alpes Tauern. Na estrada principal para subir a montanha, logo após uma caminhada ofegante até o topo e no instante

em que se põe a contemplar a vista Freud é convocado por uma questão: “O senhor é médico?” (p.151). Diante da resposta afirmativa de Freud a jovem inicia naquele mesmo local o relato sobre seu acometimento. Isto faz com que o psicanalista se pergunte: “Deveria eu fazer uma tentativa de análise?” (p.152). Esta reflexão do autor nos permite observar que a tentativa de análise, sem o apoio oferecido pela hipnose, se constitui como uma aposta na palavra.

A aposta de Freud na via da palavra não é sem fundamentos. Ela acontece em um momento preciso em que Katharina associa suas crises de angústia, a partir da questão de Freud sobre se estas estariam correlacionadas a algo que muito a havia constrangido, com o momento em que ela surpreende o pai e uma prima, Franziska, em uma cena de sexo. No momento em que se depara com esta cena, a paciente sente-se sem ar, um aperto nos olhos, zumbido e marteladas na cabeça e uma sensação de esmagamento no peito. Este é o quadro sintomatológico que se repete desde então acompanhado da visão de uma cabeça de homem.

A aposta de Freud tem ressonâncias associativas diante deste quadro rapidamente atrelado à histeria. A jovem pôde recuperar registros de cenas em que havia sido alvo, pelo mesmo homem, de investidas sexuais. Esta associação leva Katharina a compreender a repulsa que sentiu, quando fora assediada, como algo que se repete desde o momento em que surpreendeu o pai com Franziska. A jovem soube, a partir desta cena, que o pai procurou fazer com ela o mesmo que faz com a prima. Assim, a cabeça que aparece em forma de visões é atrelada à imagem do pai com ódio diante da reação de Katharina de informar a mãe a respeito do que se passa.

Destacamos que a resposta de Freud é em forma de uma aposta. Diante da dificuldade temporal imposta pela situação, junto da impraticabilidade da hipnose, o psicanalista convida sua paciente a falar sobre sua urgência. Isto que nomeamos como urgência terá um desenvolvimento mais atento dos psicanalistas tocados pela relevância disto que se assevera como algo que já não pode esperar. Sobre isto, Lacan (1966/1998) afirma:

Agora, pelo menos, podemos contentar-nos com a ideia de que, enquanto perdurar um vestígio do que instauramos, haverá psicanalistas para responder a certas urgências subjetivas, ainda que qualificá-los com o artigo definido

fosse dizer demais, ou, mais ainda, desejar demais (p.237)

Recorremos a Lacan para nomear isto que destacamos no caso Katharina como da ordem de algo que irrompe e que, por assim ser, convoca Freud a uma aposta. De acordo com o psicanalista francês, a urgência subjetiva é algo diante do qual o psicanalista enverada a se posicionar. Entende-se que a urgência subjetiva, portanto, exige um posicionamento deste que se orienta por uma ética própria.

O caso Katharina é ilustrativo disto que apontamos como o que urge, mas que encontra na pergunta voltada a Freud, “O senhor é médico?” (p.151), um direcionamento que pode ser compreendido como da ordem da demanda. Todavia, nos ateremos aqui ao que antecede este direcionamento ao psicanalista que, no caso em questão, pode ser localizado como a angústia que constantemente toma a jovem. Este estado de angústia proeminente coincide com o que Seldes (2006) propõe como uma “ruptura aguda da cadeia significante” (p.32). Esta ruptura é crucial para a definição de urgência subjetiva na medida em que esta se instala de maneira a desarticular o sujeito e o significante.

Compreender a urgência subjetiva como uma ruptura que mortifica o sujeito em sua relação com o significante, torna este tipo de urgência distinto daqueles em que os âmbitos médicos e sociais são protagonistas em uma determinada conduta. Esta urgência sobre a qual nos debruçamos leva em consideração a dimensão do inconsciente, sua estruturação como linguagem e seu direcionamento ao analista. É este direcionamento que instala uma virada temporal que não pode ser compreendida nos termos cronológicos.

A partir do trabalho “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998), Lacan diferencia do tempo cronológico três tempos lógicos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. São tempos que se aplicam à constituição do sujeito e ao processo de uma análise examinados pelo psicanalista com o emprego do sofisma dos três prisioneiros. Nesse sofisma, o diretor do presídio conta com o total de cinco discos, três brancos e dois pretos, que serão colados nas costas de três prisioneiros. Sem saber a cor de seu disco cada prisioneiro verá apenas a cor daquele que está acoplado aos demais. Aquele que primeiro deduzir a própria cor deverá dirigir-

se à saída, sendo beneficiado com a medida de liberdade caso sua dedução se confirme.

O diretor utiliza apenas os discos brancos em cada um. Sem que os prisioneiros saibam, após certo tempo, os três saem juntos. A justificativa de Lacan é pela lógica, não pela probabilidade, e se fundamenta no período de parada dos prisioneiros: um primeiro momento, o instante de olhar, em que se sabe que os outros não portam os dois discos pretos; um segundo momento, o tempo de compreender, em que uma hipótese é lançada e uma incógnita colocada sobre se, já que ambos portam discos brancos, seria este o portador de um preto; e o tempo de concluir, que se caracteriza por uma pressa para se concluir como tendo um disco branco já que os demais assim se reconhecer. Este tempo comporta uma urgência pela conclusão em que a pressa precipita a decisão pela cor do disco acoplado.

Façamos notar que, no caso Katharina, o direcionamento ao analista instala um segundo tempo em que a profusão do que urge sucumbe a uma pausa mediante a instalação de um tempo de compreender. O tempo da urgência é outro que não o de compreender. Seu tempo é da pressa para concluir. Segundo Seldes (2006), “a urgência não pode deixar de ser concebida como da ordem do ato, no sentido do acting out ou da passagem ao ato. Do tempo sem tempo, do ser entregue ao abismo de sua própria ejeção para o qual o dispositivo que propomos serve fundamentalmente de marco” (p.35). Dessa maneira, a urgência subjetiva marca a distinção entre um tempo de profusão, em que perfilam as modulações do ato, e o direcionamento ao analista que caracteriza um tempo de compreender. De acordo com nossos objetivos, nos deteremos a este primeiro momento da urgência subjetiva em que uma ruptura com o significante é o eixo para que modulações em ato se evidenciem.

Objeto a e a certeza da angústia

Os primeiros escritos freudianos demarcam a angústia por um referencial fisiológico que relega as origens desta a uma esfera física. As observações do psicanalista acerca das neuroses atuais o fizeram estabelecer considerações sobre a problemática da angústia propondo que a origem da angústia pertence ao que é determinado pelo fator físico da vida sexual. Freud compreende a questão da angústia sob a forma de um escoamen-

to energético desde o que se define como um evitamento da descarga da tensão sexual que gera um acúmulo. Não é neste acúmulo energético que se presentifica a angústia, mas sim, a partir de uma transformação da tensão sexual acumulada.

A angústia não deixa de ser objeto de estudo ao longo da obra de Freud e, em “Inibição, sintoma e ansiedade” (1926 [1925]/1996), em comparação com a fuga perante um perigo externo, Freud faz considerações de grande importância para a questão da angústia na psicanálise determinando o recalque como um equivalente interno desta tentativa de fuga. Desde então, o eu é visto como sede real da angústia. A angústia é tida como primária e como força a favor do recalque. Isto não suprime a compreensão de que esse afeto se origina de uma transformação. A angústia, na medida em que é um afeto, reproduz em forma de um sinal um evento antigo que representou uma ameaça de perigo. Esta ameaça de perigo traz consigo a experiência do desamparo e a ausência de representantes psíquicos.

Lacan (1962-63/2005) reanima a ideia de um resto energético ao abordar a questão da angústia a partir de uma referência ao que é da ordem do real. O autor reafirma o resto denominado por Freud como um acumulado de energia como aquilo que não passou ao campo da palavra e que se manifesta no corpo enquanto o que afeta. Será a partir do Seminário 10 - a angústia (1962-63/2005) que o objeto a passará a figurar como protagonista nas considerações sobre a angústia. Sua função é central enquanto um irreduzível ao significante.

O objeto a é o resíduo cujo estatuto não pode ser de um derivado da imagem especular. Segundo Lacan (1962-63/2005), “esse objeto a, do qual só fizemos esboçar suas características constitutivas, e que hoje temos aqui na ordem do dia, é sempre dele que se trata toda vez que Freud fala de objeto a propósito da angústia” (p.50). Assim, o objeto a não é passível de vinculações a qualquer tipo de representação e, ao observarmos o desenvolver que Freud produz a respeito dos primórdios da angústia, fica evidenciada a articulação às possibilidades da perda do objeto em seus variados espectros. Trata-se então não exatamente do objeto, mas de sua falta. Na relação mãe-criança, por exemplo, é a ausência que assegura a presença pois, o mais angustiante para a criança é que esta relação sobre a qual se institui a falta é perturbada em seu resultado quando não há possi-

bilidade de falta. Lacan refuta a ideia de que o ritmo da presença/ausência da mãe é o que provoca a angústia já que o que preserva o vazio é a possibilidade de existência da ausência assegurando a presença. O objeto a está envolvido na questão sob a égide do desejo do Outro visto que este é marcado como portador de uma falta. Sobre isto, Lacan (1962-63/2005) propõe:

Em relação ao Outro, o sujeito dependente desse Outro inscreve-se como cociente. É marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro. (...) Há um sentido da divisão, um resto, um resíduo. Esse resto, esse Outro derradeiro, este irracional, essa prova e garantia única, afinal da alteridade do Outro, é o a (p.36)

Nesta relação matemática com o Outro o sujeito é marcado pelo traço unário do significante. Quando o sujeito é marcado pelo significante há um resto que Lacan aponta como o objeto da angústia na teoria de Freud. É dessa relação matematizável que emerge o objeto derradeiro que pode ser entendido em sua constituição como um objeto não partilhável. O autor aponta que existem dois tipos de objetos: os que podem ser partilhados e os que não podem. Dentre os que não podem ser divididos está o seio, as fezes, o falo, o olhar e o nada os quais, em determinada situação, aparecem no campo dos partilháveis tornando viável o sinal de angústia. A sequência de objetos não partilháveis quando tomada como objeto comum, especularizável, coincide com o tamponamento da falta estrutural.

A configuração como objeto partilhável faz com que este adquira a característica de ser passível à representação. Assim, entende-se que o objeto a é anterior à constituição do objeto comum e partilhável. Um exemplo bastante peculiar é do falo que aparece como furo, como algo que não se representa no espelho e que falta ali onde deveria estar. Muito embora o falo seja uma reserva libidinal. Segundo Rabinovich (2005), “o próprio falo é caracterizado em termos de reserva libidinal, o falo sob a forma do (-^o), do falo imaginário negativizado, tal como opera na castração” (p.68). No momento em que algo surge no lugar desta subtração imaginária é que a angústia se torna um fenômeno. Isto que aparece no lugar da falta é atrelado por Lacan ao que é da ordem do inquietante, do Unheimlich.

Não nos ateremos aos detalhes da contribuição deste período, (1962-63/2005), do ensino de Lacan. Munidos apenas de uma breve explicação sobre o objeto a, podemos acompanhar o esclarecimento de Lacan de que “a angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (-^o)” (Lacan, 1962-63/2005, p.51). A angústia acontece quando há um reposicionamento já que o objeto a pode ocupar o lugar da falta (-^o). Com isto, destaca-se a centralidade da falta como fundamento da constituição do sujeito.

Este objeto, irreduzível ao significante, tem uma alusão constante enquanto resto. Esta alusão pode ser destacada na retomada que Lacan (1962-63/2005) faz do caso freudiano da Jovem Homossexual (1920/1996). A partir deste caso, o verbo alemão *niederkommen* tem função central pois é “essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como a” (p.124). Este relacionamento súbito do sujeito com o objeto a não é resumido ao mero significado de parto, de dar à luz, que este verbo compreende em si. Este verbo demarca uma queda muito bem exemplificada pela tentativa de suicídio da Jovem Homossexual e que, doravante, tem na conceituação de passagem ao ato uma contribuição clínica de Lacan (1962-63/2005).

A relação súbita do sujeito com o objeto a acontece por via identificatória. Trata-se de uma ruptura em que a radicalidade de uma exclusão é uma das características principais. Isto que se define pela radicalidade de uma ruptura é a passagem ao ato, conceito de envergadura clínica que tem nas tentativas de suicídio um grande paradigma. O emprego deste caso engendra a conceituação de passagem ao ato e tem na identificação do sujeito ao objeto a um ponto nodal. Esta identificação é absoluta e, por meio dela, o sujeito se reduz a isto que está fora das coordenadas simbólicas e imaginárias.

Esta identificação absoluta é proposta como um deixar-se cair (*laisser tomber*) em que se diferencia uma cena constituída pelo campo do significante e o mundo como o que escapa a isto, o que é real. O deixar-se cair é uma saída de cena em que o sujeito rompe com o significante e despenca em direção ao real. No momento da passagem ao ato, portanto, o sujeito é suprimido e sua relação com o Outro é radicalmente rompida. É possível compreender este momento como um

esfacelamento tanto do sujeito quanto do Outro. Esta passagem direta para o real se configura como um instante de apneia em que o real emerge. Compreender este salto rumo ao vazio, como bem apresentou Yves Klein (1928-1962) em sua montagem “O salto no vazio” (1960) (Figura 1) em que o corpo se desprende do chão rumo ao nada no momento registrado na confecção fotográfica, nos permite indicar o objeto a, como resto de um encontro com o significante, que cai no momento em que uma cisão se produz.



Figura 1 - “Salto no Vazio” (Yves Klein, 1960)

O momento da identificação absoluta do sujeito ao objeto a é um fator fundamental para a passagem ao ato. Este fator constituinte da passagem ao ato a localiza em uma sequência lógica na qual esta é sucessora da angústia. Sobre esta antecedência lógica, Lacan (1962-63/2005) afirma:

Penso que, neste ponto, vocês me deterão para me lembrar que afirmei mais de uma vez, sob formas aforísticas, que toda atividade humana desabrocha na certeza, ou gera certeza, ou que, de modo geral, o referencial da certeza é essencialmente a ação. Pois bem, sim, é claro. E é justamente isso que me permite introduzir agora que talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia (p.88).

O que não se reduz ao significante e que se encontra fora da cena do Outro opera no campo da ação. A anterioridade da angústia em relação às formas de agir que incluem, dentre eles, a passagem ao ato dá a entender que há no ato uma espécie de arrebatamento deste afeto. A certeza que faz com que a angústia esteja fora da rede significante é passada ao ato em uma transferência do que não se reduz ao significante. Este é um dado que nos remete à clínica e, particularmente, ao que já esboçamos no início sobre o caso Katharina e a urgência subjetiva. A angústia que antecede a passagem ao ato é análoga ao primeiro momento da urgência subjetiva, tempo em que a profusão se diferencia de um tempo para compreender. O caso Katharina diferencia-se do da Jovem Homossexual na medida em que a certeza da angústia não passa ao ato, diferentemente, um direcionamento é feito ao analista que diante da urgência aposta na palavra.

A proposta de que a certeza da angústia antecipa a passagem ao ato nos permite indicar a urgência subjetiva como moduladora de uma saída de cena pela via de uma identificação absoluta ao objeto a. Este momento de um salto em direção ao vazio é uma ruptura da cadeia significante em que o sujeito é suprimido pela identificação ao a e a ligação ao Outro é rompida de maneira radical. O ápice de uma destituição subjetiva é o que constitui o momento exato da passagem ao ato. Contudo, é preciso ainda que atentemos ao depois de uma passagem ao ato. Propomos que sua estrutura seja composta por dois momentos: o ápice que se sucede à angústia e o a posteriori em que uma face significante é atribuída ao ato.

A falha da passagem ao ato

Ao tomarmos a passagem ao ato como um corte, em que a evasão da cena do Outro como a mais radical relação do sujeito com o objeto a, questionamos a possibilidade de propor o Outro como a posteriori na medida em que a passagem ao ato é falha. Em seu “Seminário 15 - o ato psicanalítico” (1967-68, inédito), Lacan realiza uma ampla revisão do que se reconhece por ação em diferentes teorias com o objetivo de destacar da ação, como resposta orgânica, o ato e sua dimensão significante. Segundo Lacan, o significante “não falta jamais no que constitui um ato” (15/11/67). O correlato significante que jamais falta à constituição do ato é inacabado pois não o

contempla por completo. Assim, há uma face do ato que não é permeável ao significante.

Lacan afirma que “já não é eliminável a dimensão do Outro visto que o ato vem ali a testemunhar algo” (Aula de 17/01/1968). A ato se constitui como um dizer apenas quando se torna receptível pelo Outro no depois. O estatuto de testemunho verifica ao ato seu segundo momento diferente do primeiro em que há uma ruptura radical com o Outro. É a partir do efeito de testemunho que o ato tem sua dimensão significativa apresentada e é assim que a histórica travessia de Júlio César pelo rio Rubicão é ilustrativa desta temporalidade.

Ao utilizar a travessia do exército de César como transgressora das leis do estado, Lacan fundamenta o caráter significativo do ato. A travessia emblemática do rio Rubicão ilustra como o ato inscreve uma temporalidade ao eclodir como um reinício. Sendo assim, se o ato vem testemunhar algo no depois, a partir de um novo começo, podemos interrogar acerca de um reposicionamento no qual tanto o Outro quanto o sujeito são conduzidos. Assim como César deixa de ocupar um alto cargo militar e passa à posição de um transgressor, seu ato tem uma absorção na cultura e gera um efeito histórico no a posteriori.

Esta temporalidade é demarcadora do estatuto do sujeito em relação ao ato. A partir do ensino de 1962-63, como já destacamos, o objeto a é o que triunfa no momento do ato. Estão assim excluídos deste momento o sujeito e o Outro. Adiante, em 1967-68, Lacan parece contraditório ao propor o correlato significativo que jamais falta ao ato até o momento em que fica clara uma delimitação temporal entre o momento do ato e o seu a posteriori. Embora o momento do ato não deixe de ser fulgurante para o objeto a em sua irreduzibilidade, é próprio à estrutura do ato o emprego do significativo em seu segundo momento. Na medida em que este segundo tempo é reabsorvido pelo Outro, um caráter de testemunho realinha o ato ao que é da ordem do simbólico e a cadeia significativa pode ser reestabelecida.

Lacan (1967-68) afirma que “a passagem ao ato é aquilo além do que o sujeito reencontrará sua presença como renovada, mas nada mais” (29/11/1967). É dessa maneira que podemos compreender que a ruptura evidenciada pela passagem ao ato também marca uma reinauguração. É o sujeito que se renova em sua presença após sua exclusão no momento da passagem ao ato. Será no

depois da passagem ao ato, no segundo momento, que o sujeito encontrará um reposicionamento atrelado ao significante e, como um testemunho, alinhado à transgressão operada no primeiro momento.

A travessia do rio acarreta para César uma alteração em seu estatuto militar visto que ele passa a ser um rebelde quando se lança à sorte e transgredir as leis que demarcavam o que ele era, um general. O ato de César exemplifica o corte que o momento do ato instaura e sua implicação, no depois, no reestabelecimento da cadeia significativa. Este corte é um fator determinante na medida em que se opera uma mudança que determina um antes e um depois, sem a possibilidade de voltar atrás.

Este dado sobre a impossibilidade de se voltar atrás é bastante peculiar neste momento do ensino de Lacan (1967-68). A própria definição da estrutura do ato será examinada por Lacan a partir de um referencial matemático no qual operações são aplicadas a um processo demarcando-se, assim, um ponto de partida e um produto. Este recurso matemático é obtido pelo Grupo de Klein (Barbut, p.26, 1966) (Figura 2) no qual se apresenta uma estrutura em que um elemento é submetido a determinadas operações. Não retomaremos aqui os detalhes desta composição, apenas ressaltamos que uma das propriedades deste esquema é o caráter involutivo que há entre os elementos já que é possível regressar ao elemento de partida pela aplicação da mesma operação. Em sua leitura, Lacan abrirá mão desta característica involutiva em função disto que já não volta mais atrás em se tratando da estrutura do ato.

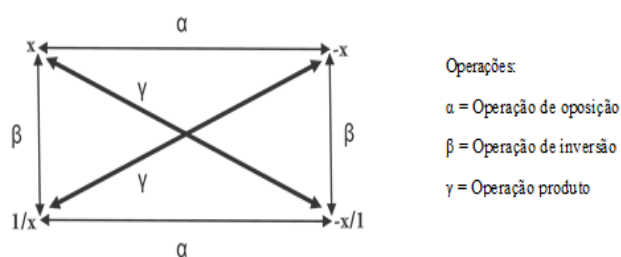


Figura 2 - Grupo de Klein

De acordo com nossos objetivos, apenas apontemos que o processo analítico encontra nesta metade do Grupo de Klein esquematizada por Lacan (Figura 03), entre 1967-68, um desenrolar em que o ponto de chegada é distinto do ponto de partida. Para nossos fins, daremos foco ao que pode ser entendido como uma segunda metade do

Grupo de Klein (Figura 04) em que o conceito de passagem ao ato tem lugar bastante peculiar. Afirma Brodsky (2004) que esta segunda metade “não corresponde a um percurso, não corresponde à clínica da neurose-perversão-psicose, mas sim à clínica que se pode chamar clínica do ato” (p.73). Temos, a partir deste segundo esquema, a passagem ao ato posicionada ao lado no “não penso”, como resultado da operação pressa; o acting out ao lado de “não sou” através da operação repetição.

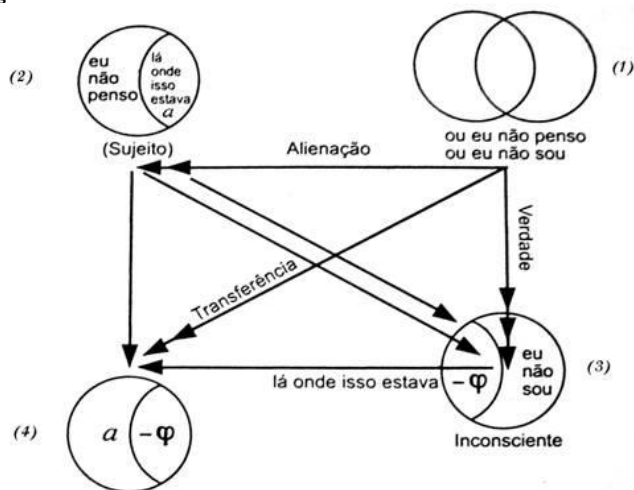


Figura 3 - Primeiro Metade do Grupo de Klein

de uma passagem que se estabelece entre a certeza da angústia rumo ao ato. Certeza esta que se contrapõe à cena do Outro e que encontra neste lugar de “não penso” um rechaço do encadeamento dos significantes.

Visto ser a pressa precipitadora do ato, propomos que no vetor 1 - 2 esteja configurado este processo em que a certeza é extirpada da angústia e passada ao ato por esta engrenagem. Este processo que já encontrou no ensino de 1962-63 seu antecedente tem, em 1967-68, alguns acréscimos que devem ser considerados, por exemplo, o que este vetor nos indica é que não há retorno diante de um ato que se dirige ao “não penso”. Este direcionamento é peculiar pois marca um ponto de contrariedade ao inconsciente e ao que é da ordem do encadeamento significativo. Segundo Brodsky (2004), “a passagem ao ato, por sua vez, é situada na opção ‘não penso’, isto é, no rechaço absoluto do inconsciente, no não querer saber nada dele” (p.74). Temos, assim, que pela via da pressa se operacionaliza a passagem ao ato em direção ao contrário daquilo que é da ordem do significativo. Pela via da certeza que o sujeito se reduz ao extremo do embaraço e se identifica ao irreduzível ao significativo precipitando-se, no momento do ato, fora da cena em um rechaço ao inconsciente.

Passagem ao ato

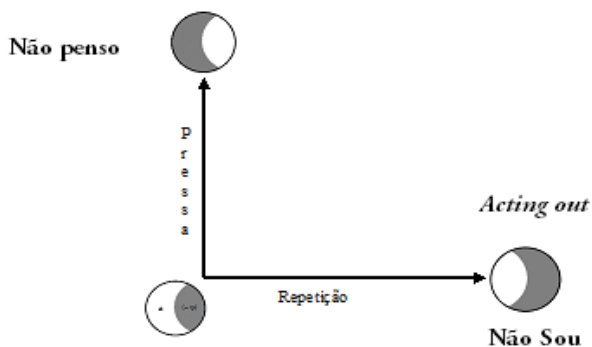


Figura 4 - Segunda Metade do Grupo de Klein

Esta segunda metade do Grupo de Klein é fruto da impossibilidade involutiva inerente à problematização lacaniana deste esquema. Nele, fica destacado o fato de que um ato é marcado pela irreversibilidade, não se desfaz. É assim que a passagem ao ato é operada pela via da pressa em que se condensa um momento de concluir. A pressa enquanto operação catalisa a manifestação deste irreduzível ao significativo em forma de ato. Assim, podemos compreendê-la como engrenagem

Considerações Finais

A identificação absoluta ao objeto *a* é essencial para que se delimite a passagem ao ato como uma saída de cena caracterizada como momento do embaraço maior do sujeito. A passagem ao ato se situa onde o real se comprime pois, o que opera é uma saída da cena constituída pelo Outro. Pensar este primeiro momento como o do triunfo do objeto torna-o distinto do momento posterior em que o sujeito se renova. A ilustração da transgressão realizada por César marca o ato como inaugural um novo começo após serem postas em cheque as coordenadas simbólicas. Como observamos, isto encontra-se esquematizado pelo vetor da operação pressa ao sinalizar a travessia que, pela ausência do caráter involutivo, é sem volta. Compreendemos que o valor atribuído ao ato no a posteriori não é desvinculado do que enfatizamos como o momento do objeto *a* exatamente por que é deste que se erige um corte. Este corte instaurado pelo ato é irreversível e promove a renovação que atinge tanto o sujeito quanto o Outro. Dessa maneira, o ato se estabelece pela viabilidade de

que haja posteriormente uma reabsorção no campo do Outro e a renovação do sujeito.

A partir da concepção de que o ato compreende um além no qual o significante jamais falta e que tem função de inauguração, podemos propor a renúncia a compreensões apressadas, comumente atribuídas à passagem ao ato, de puro aniquilamento e destruição. É assim que apostamos em um além da radicalidade do rechaço e da suspensão que se configuram na passagem ao ato. Haja vista que o sujeito encontra sua presença renovada no depois do momento de ruptura da cadeira significante.

Referências

Barbut, M. (1966) Sobre o sentido da palavra “estrutura” em matemática” (J. Castro, trad.). In Pouillon, J (1968) Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.

Brodsky, G (2004) Short story: os princípios do ato analítico (V. A. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Freud, S. (1883-85/1996) Rascunho A. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad. Vol. 2). Rio de Janeiro. (Trabalho originalmente escrito em 1885)

----- (1920b/1996) A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad. Vol. 18). Rio de Janeiro. (Trabalho originalmente publicado em 1920).

----- (1925 [1926]/1996) Inibição, sintoma e ansiedade. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de

A passagem ao ato como a mais radical ruptura com o Outro, em um momento de rechaço do inconsciente, tem como possibilidade um reencontro do sujeito com sua presença renovada no a posteriori de um corte radical. De acordo com os objetivos deste trabalho, devemos observar que o ultrapassamento das coordenadas simbólicas tem, no a posteriori do ápice do ato, uma reabsorção que acontece pela via da falha. O corte que caracteriza o ato se torna falho apenas no depois.

Sigmund Freud. (J. Salomão, trad. Vol. 20). Rio de Janeiro. (Trabalho originalmente publicado em 1925).

Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In Lacan, J. Escritos (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

----- (1966/1998). De um sujeito enfim em questão. In Lacan, J. Escritos (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J (1962-63). Seminário, livro 10 – A angústia. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1967-68). Seminário, livro 15 - O ato psicanalítico. (Inédito).

Rabinovich, D. S. (2005). A angústia e o desejo do Outro (A. L. O. Lopes, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Seldes, R. (2006) La urgencia subjetiva, un nuevo tiempo. In: Belaga, G (COMP) (2006) La urgencia generalizada – la práctica en el hospital. Buenos Aires: Grama ediciones, 2006, p. 43-72.

Submetido em: 23/07/2017

Aceito em: 15/03/2018